

Arqueologia Etimológica

Três Estudos acerca da Continuidade
Linguístico-Cultural do Paleolítico

Mario Alinei
Francesco Benozzo



© Apenas Livros Lda.,
Mário Alinei e Francesco Benozzo

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.
1750-140 Lisboa
Tel/fax 21 758 22 85
geral@apenas-livros.com

Depósito legal nº 337078/11
ISBN: 978-989-618-358-5
1ª edição: 250 exemplares
Novembro de 2011
Publicação nº 477

Tradução de Gabriela Morais
Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção TEORIA DA CONTINUIDADE PALEOLÍTICA, 7
Dirigida por Xaverio Ballester
Universidade de Valência

www.apenas-livros.com

A PRÉ-HISTÓRIA DOS NOMES DO ARCO-ÍRIS

MARIO ALINEI

Antes de mais, apercebemo-nos de que a grande maioria dos nomes europeus do arco-íris é iconicamente transparente, ou seja, revela imediatamente o seu icónimo¹. Acontece que um dos poucos nomes opacos do arco-íris é o italiano (*arcobaleno*), de cuja pré-forma icónica a investigação dos últimos decénios felizmente concluiu quase por unanimidade (não vale a pena mencionar as exceções) que se trata de um {arco da baleia}.

Passando aos materiais e à sua tipologia, se deixarmos de lado os icónimos «anistóricos» como {arco da chuva}, típicos da área germânica (*cfr.* o inglês *rainbow*, o alemão *Regenbogen*, o holandês *regenboog*, etc.), mas verificáveis também noutras áreas linguísticas, como o francês *arc-en-ciel*, e se nos concentrarmos nos icónimos mais ricos sob o ponto de vista da historicidade, a classificação iconomasiológica produz três categorias distintas de icónimos:

A) Icónimos que reflectem, conforme a região, uma {INTERPRETAÇÃO MÁGICO-RELIGIOSA, CRISTÃ OU MUÇULMANA} do fenómeno. Eis alguns dos numerosíssimos exemplos: em *albanês* {cinto-da-virgem}; em *báltico*: letão {arco/cinto-de-deus}; lituano {cinto-da-aliança (bíblica)}; em *céltico*: galês {arco-da-aliança}; em *grego*: {arco-da-monja} {auréola-do-santo}; em *iraniano*: {ponte-da-oração} e {ponte-sirat} (mito islâmico): na região *neolatina*: *catalão* {arco-de-são-martinho}, {arco-de-são-joão}, etc.; *franco-provençal* {corno-de-são-bernardo}, etc.; em *oil e occitano* {arco-de-são-martinho/arco-de-são-bernardo/arco-de-deus}, {círculo-de-deus}, {cinto-do-bom-deus}, {liga-do-bom-deus}, {fita-da-boa-virgem}, {cruz-de-são-joão}, {estrada-de-são-bernardo}, {arco-de-são-bernardo/arco-de-são-miguel}, {coroa-de-

-são-bernardo/-são-barnabé, -são-dionísio, -são-martinho}, {cinto-de-são-barnabé/-são-martinho/-são-medardo}, {círculo-de-são-martinho}, {ponte-de-são-bernardo}, {estrada-de-são-barnabé}, {linha-de-são-martinho/-são-bernardo} {aliança-do-bom-deus}, etc.; em *Itália* {arco-de-noé}, {arco-de-deus}, {arco-da-virgem}, {arco-de-santa-maria, -santa-helena, -são-marcos}, etc.; em *Portugal* {arco-da-virgem}, em *Espanha* {arco-do-senhor}, {faixa-de-deus}, {arco-de-são-joão}, etc.; em *balto-eslavo*: *letão*, *búlgaro*, *macedónio*, *checo* {arco-de-deus}, {cinto-de-deus}, *servo-croata* {cinto-de-maria}; *semítico*: *maltês* {arco-(de arqueiro)-de-alla}; em *túrcico*: *ciuvascio* {ponte-das-orações} (língua islâmica), etc.

B) Icónimos que reflectem uma {INTERPRETAÇÃO MÁGICO-RELIGIOSA DO ARCO-ÍRIS, ASSOCIADA À DIVINDADE OU A SERES MÍTICOS ANTROPOMÓRFICOS PRÉ-CRISTÃOS OU PRÉ-ISLÂMICOS}. Eis os principais exemplos: na área *urálica*, o arco-íris associa-se à divindade pré-cristã {Ukko, «o velho»}, {Tiermes} e o {Deus do Trovão}, às vezes acompanhado de um atributo significativo como {arco do arqueiro}. Na região *túrcica* está associado ao deus do Céu {Tängri} ou a um atributo, como a {espada} ou o {arco do arqueiro}. Na região *indo-europeia*, em *osseto* (*iraniano*), liga-se à figura épica de {Soslan}; na área *báltica*, à divindade feminina {Laume}; em grego, ao {arco do arqueiro}, ou à {Senhora Lua} ou {Nerandzula}, ou {Maruli}. Na região *neolatina* surge ligada à mítica {Velha} (Alinei 1988b), a {íris}, ao {*lutin* 'diabinho'} francês, cujo nome deriva de *Neptunus*. Um ícónimo quase *pan-europeu* é também o {cinto} ou {faixa} ou {fita}, próprio de um tipo relacionado em exclusivo com as mulheres, e assim revelador de uma concepção de arco-íris como {ornamento de uma divindade feminina}. Surge em *grego*, *albanês*, *báltico-eslavo*, *romanche*, *céltico*; *finico*, *lapão*, *permiano*, *vepes*; *udmurte*; *túrcico*; *naco-daguestão*, etc. No âmbito indo-europeu é interessante notar que o lituano *júosta*, o dialecto

búlgaro *pojas, opas*, o dialecto servo-croata *pas, pasats* (do eslavo, *pojasy* ‘cinto’) e o grego moderno ζώνι, ζωνάρι, etc., mantêm todos a mesma raiz proto-indo-europeia **ius-* ‘cingir’, o que prova a existência de um mito comum báltico-eslavo-ilírico-grego, associado à representação do arco-íris como {cinto de um ser mítico feminino}, provavelmente a Grande Mãe, a chamada Vénus paleolítica (sempre esculpida com um cinto).

C) Icónimos que reflectem a interpretação do arco-íris como um {ANIMAL GIGANTESCO} ou como {UMA SUA PARTE}: em lugar de reflectirem uma representação antropomórfica do arco-íris, como as outras duas, reflectem uma representação {ZOOMÓRFICA}. Com efeito, encontramos a {raposa} nos dialectos albaneses, lituanos, alemães, italianos e bielorrussos; a {vaca}, o {boi} ou o {corno} nos dialectos basco, cómio-ziriano, francese e esloveno; um {animal divino} nos dialectos cómio-permiaco, cómio-ziriano, catalão, esloveno; {baleia, provavelmente ‘delfim’} em italiano, {doninha} em *ehvà* (*xva*), língua caucásica, {furão} em calmuco, língua mongólica.

D) Quase por toda a Europa está presente, entre os icónimos do arco-íris, o do {BEBEDOR}, que igualmente reflecte um antigo mito do arco-íris como {ANIMAL QUE BEBE ÁGUA} e a devolve como chuva. Por vezes, o icónimo é a parte de um animal, como por exemplo a {tromba} (com a qual o animal bebe a água), em lituano; e também o icónimo de {bomba} no nome húngaro do arco-íris é uma provável transformação do animal que bebe.

Detenhamo-nos agora nesta quádrupla documentação, começando pela primeira categoria: a cristã-islâmica; verificamos, de novo, que procedendo deste modo passamos insensivelmente da fase iconomasiológica da pesquisa para a semasiológica. Com efeito, descobrir que, a nível iconomasiológico, o arco-íris tem toda uma série de nomes religiosos cristãos ou islâmicos, signifi-

ca também descobrir que, a nível semasiológico, entre os significados dos termos religiosos cristãos e islâmicos também aí está o arco-íris. E partindo desta última observação semasiológica para a pergunta «porque é que o arco-íris veio a ser cristianizado ou islamizado, dado não existir nenhuma consagração oficial do fenómeno atmosférico, nem nas fontes nem por parte das autoridades religiosas», podemos dar uma só resposta: o arco-íris devia ter sido já, de qualquer modo, objecto de um culto popular ou considerado como sagrado pelas populações europeias antes do cristianismo e do islamismo, tendo o aparecimento das duas novas religiões históricas desencadeado um processo espontâneo de reinterpretação e de inovação lexical, destinado a transformar esta mesma ligação sagrada num símbolo cristão ou islâmico.

E, com efeito, a segunda categoria iconomástica do arco-íris, associada a toda uma série de divindades pré-cristãs locais, confirma a nossa hipótese: trata-se de um «estrato» mais antigo do que o cristão-islâmico, em grande parte submerso pelas inovações recentes. Mais precisamente, podemos afirmar sem hesitação que por todo o lado surge um icónimo cristão-islâmico que nos dá conta da presença precedente de um icónimo «sagrado» mais antigo, pré-cristão ou pré-islâmico. E a partir desta dupla documentação iconomasiológica e semasiológica podemos interrogar-nos de novo sobre o porquê deste fenómeno: porque é que o arco-íris era «sagrado» já na época pré-cristã?

Decerto que podemos imaginar que o arco-íris tenha sido, na Antiguidade, um fenómeno natural tipicamente «numinoso», isto é, um acontecimento que despertava em quem o observava — ignorando a sua causa — um sentimento de medo e de sagrado terror. Tal como também, por exemplo, o trovão, o relâmpago, o fogo-fátuo, o nevoeiro e semelhantes. Mas antes de nos determos nesta conclusão, para a elaborar, devemos ainda explicar os icónimos do terceiro e do quarto grupo, zoomórficos «bebedores» ou não, também estes agora verificáveis e vistos sob

o ponto de vista semasiológico (sabendo portanto agora que os zoónimos e os termos para «beber» podem significar, entre outros, o arco-íris).

Estes contrapõem-se aos outros dois grupos de nomes através da oposição entre *zoomorfismo* e *antropomorfismo*, acentuada pelo facto de que, enquanto na representação cristã/islâmica e pré-cristã/pré-islâmica, o arco-íris é um simples atributo de uma divindade antropomórfica, na zoomórfica, ele identifica-se com o próprio animal. Daí a pergunta, também ela semasiológica, porque parte da forma/ icónimo e já não do referente 'arco-íris': que relação pode haver, se é que existe alguma, entre o grupo de representações zoomórficas de um fenómeno natural de tipo numinoso, como o arco-íris, e as outras duas, antropomórficas? A resposta, convergente, é-nos fornecida por diversas ciências: pela etnografia, pela demologia e pela história das religiões.

O estudo das sociedades tradicionais e das tradições populares tem, desde há tempos, revelado a existência de um mito segundo o qual o arco-íris é concebido como um animal gigantesco — quase sempre uma serpente — que engole a água da terra e a rejeita em forma de chuva. A mais notável e mais estudada *serpente-arco-íris* é o dos *Aborígenes, na Austrália*, animal totémico que mostra precisamente esta característica.

Na Europa, o mito do arco-íris que bebe a água toda da terra sobrevive não só nas tradições orais, mas mesmo em algumas expressões idiomáticas: na região eslava, por exemplo, em vez de se dizer, como em italiano², que uma pessoa «bebe como uma esponja», diz-se que «bebe como o arco-íris»: veja-se, por exemplo, o checo *pít jako duha*. Mais importante, do ponto de vista histórico e cronológico, é o testemunho do mito numa comédia de Plauto (séc. III a.C.), *O Gorgulho*, onde um personagem, ao ver uma velha que se inclina para trás para engolir vinho, exclama: *bibit arcus* «o arco-íris bebe!» (Alinei 1992).

A história das religiões, por sua vez, fornece dois tipos de provas. Por um lado, os especialistas, com base na documentação etnográfica e nas religiões antigas, chegaram à conclusão de que os animais, muitas vezes considerados como antepassados (*totem*) e protectores das populações, se revestiam de uma importância capital nas crenças mágico-religiosas das sociedades tradicionais. Tem sido sugerido também, por investigadores credenciados, que o culto dos animais — a que se dá nome de **totemismo** — tenha sido a primeira e mais antiga forma de religião da Humanidade e, como tal, conhecida universalmente.

Por outro lado, a pesquisa histórico-religiosa tem demonstrado também que qualquer representação antropomórfica do sobrenatural procede necessariamente do emergir de elites dotadas de poderes de vida e de morte na sociedade real. E porque se verifica que a estratificação social é um fenómeno típico e exclusivo das Idades dos Metais, em particular do Bronze e do Ferro, a representação antropomórfica das divindades não pode ser mais antiga do que esta.

Assim, a conclusão só pode ser uma: as representações zoomórficas do arco-íris constituem o estrato mais antigo, de origem totémica, precedente por conseguinte não só da religião histórica, mas também da religião antropomórfica antiga.

Esta hipótese «forte» é a única que permite aliar entre eles os três grupos tipológicos de icónimos, numa relação coerente e válida sob três pontos de vista: (1) do ponto de vista *estrutural* — todos os três devem ser expressões de um mesmo «culto» do arco-íris; (2) do *das regiões* — todos os três, igualmente dispersos por toda a Europa, reflectem necessariamente uma ininterrupta continuidade cultural; (3) do *da especialidade, historiográfico e cronológico* — na história das ideias religiosas, as representações zoomórficas de um fenómeno considerado sagrado precedem certamente a fase antropomórfica.

Além disso, a pesquisa etimológica, uma vez libertada da incerteza dos métodos e dos factos que ilustrámos nos capítulos

precedentes e tornada assim numa disciplina histórica de pleno direito, pode reivindicar o direito de avançar hipóteses «fortes», tanto quanto a própria pesquisa historiográfica.

Verifica-se, por fim, que a força da hipótese há pouco feita acerca da origem e do desenvolvimento dos icónimos europeus do arco-íris está em directa relação com o *número* e — ao mesmo tempo — com a *repetitividade* dos icónimos tidos em consideração. É aqui, com efeito, que a iconomasiologia revela toda a sua produtividade: a «massa» das provas, fornecida pelos icónimos de tipo repetitivo, gera a certeza que se reflecte sobre cada problema etimológico. Voltaremos outra vez a este ponto.

A produtividade da iconomasiologia para a solução dos problemas etimológicos

A descoberta de icónimos transparentes ou quase, recorrentes na pesquisa iconomasiológica, tem evidentes e importantes contrapartidas para a solução dos problemas etimológicos que se apresentam no âmbito da própria pesquisa. Um dos resultados mais importantes para a iconomástica do arco-íris, tal como, por exemplo, o que resulta da pesquisa feita para o *Atlas Linguarum Europae (ALE)* (Alinei 1983), é a descoberta da sua **produtividade** para a identificação da etimologia de alguns nomes dialectais italianos problemáticos (Alinei 1984b).

O ticinês *marscéria* (AIS II 371, P. 51: Vergeletto; *cfr.* Spiess 1976: 277), por exemplo, antes sem etimologia, deixa-se facilmente reportar ao icónimo {marcio/marcia}, usado no Ticino para indicar o que, em italiano, seria *tempo marcio* «tempo estragado». Este nome, cuja formação é idêntica à do tipo lombardo (e italiano) *cativéria* e semelhantes (adjectivo + *éria*), reflecte por conseguinte a concepção de arco-íris como presságio de tempestade e poderá também ter valor apotropaico, como acontece a

todos os fenómenos (atmosféricos e outros) temíveis, como por exemplo o tipo {porcaria} para o 'raio' (dialectos da Úmbria e de Abruzo, *cfr.* AIS II 393).

Até o misterioso vocábulo do dialecto badioto *anterbànt* se deixa facilmente analisar: o dicionário de Pizzinini & Plangg (1966 s.v.) mostra a variante *anterbànt*, que nos permite analisar *-bant* como {bebente}, e consequentemente reconduzi-lo para a concepção pan-europeia do arco que bebe a água da terra (Alinei 1983c, 1984b, 1992), prevalecente no Veneto e em Friuli e, como vimos, já existente em Plauto (*bibit arcus*). Para a síncope da vogal intermédia *-v-*, na geral e sucessiva monotongação, podem confrontar-se muitíssimas formas, entre as quais a mais evidente é precisamente o lendário *ergobando* «arco-íris» do lago de Carezza³ (letão «arco bebente», com formação do gerúndio); para a parte final da palavra, pode pôr-se a hipótese de ser um gerúndio, comparável ao tipo *termànt* «tremendo», do lat. *tremendus* (Gartner 1879: 95), ou um participípio presente, como em *lourànt* «trabalhador», *kunesànt* «conhecedor», *parànt* «parente» e semelhante, do lat. *-entem* o *-antem* (Gartner *ibid.*). A parte final *-bànt* tem, assim, uma origem diferente, facilmente dedutível, dada a dupla presença de *ant-* seja no início ou no fim do original *anterbànt*. Aqui pode ter havido também, como factor secundário, uma contaminação com *bank* «banco de trabalho» (Pizzinini & Plangg, s.v.) — uma imagem rara, mas não impossível, na tipologia das motivações do arco-íris.

Quanto ao que respeita à primeira parte da palavra *anter*, esta forma em badioto continua o latim *inter*, não só como preposição ou como prefixo, no sentido de «entre» (como no italiano e nos outros dialectos ladinos, *cfr.* Gartner 1879: 97, 111; Elwert 1972: 60, 197), mas adquire também o sentido adjectivado de «*sonderbar, merkwürdig*», isto é 'extraordinário', 'fora do comum' (que no latim popular seria mais próprio de *extra*, do que de *inter*) (*cfr.* Pizzinini & Plangg, s.v. *anter*). Assim, o sentido

seria «strabevone», semelhante ao *bevačone* verificado no Friuli, em Basiliano (ASLEF P. 127, *cfr.* Frau 1976: 300).

Eis como a iconomasiologia contribui para ampliar a área das regularidades e das certezas etimográficas e diminuir a incerteza das etimoteses.

O aspecto *cíclico* da busca iconomasiológica: do *icónimo* do nome ao nome do *icónimo*

Como vimos, a pesquisa iconomasiológica desemboca sempre no seu inverso *especular*, isto é, *semasiológico*: a descoberta da classe iconímica {SANTO} e do mais vasto campo iconímico {MÁGICO RELIGIOSO}, ou o do {ANIMAL} e do seu campo {ZOOMORFISMO}, todos extrapolados pela sistemática comparação dos seus representantes nas designações europeias e mundiais do arco-íris, implicam uma descoberta semasiológica paralela: isto é, os *zoónimos* que na terminologia *mágico-religiosa* possam significar ‘arco-íris’. Descoberta em si mínima, mas suficiente para impor um alargamento da pesquisa: visto ser o arco-íris um fenómeno natural numinoso, não poderemos esperar que o mesmo valha também para outros fenómenos naturais semelhantes, como o trovão, o relâmpago, o fogo-fátuo, o nevoeiro e semelhantes? E, obviamente, para confirmar esta possibilidade e demonstrar-se assim a validade da hipótese, ocorre inverter-se a busca no sentido *semasiológico*, a fim de identificar «que realidades, para além do arco-íris, poderão ter como nome um zoónimo ou uma expressão mágico-religiosa». Veremos no próximo capítulo como se pode proceder numa pesquisa *semasiológica* deste género. Aqui, sublinhamos de novo, a nível teórico, a relação dialéctica, *especular*, entre a pesquisa *iconomasiológica* e a *semasiológica*.

Mas temos um outro tipo de relação, que nasce da pesquisa iconomasiológica, e que definiremos como *cíclico*.

Ilustramo-lo com um exemplo. Para explicar a dupla relevância do campo iconímico {MÁGICO-RELIGIOSO} e do do {ZOO-MORFISMO} para os nomes do arco-íris pusemos a hipótese de que a sacralidade mais recente e moderna do arco-íris, respectivamente pré-cristã e cristã, pré-islâmica e islâmica, tenha derivado da pré-histórica e remota do animal totémico. Isto é, mais precisamente, da mitologia dos animais-tótemes como criadores do universo e — no caso específico — como criadores da chuva enquanto bebedores da água terrestre.

Aqui confrontamo-nos pois, de novo, com a hipótese «forte» de que o culto totémico, documentado nas sociedades tradicionais e reconstrutível na pré-história, tenha deixado vestígios importantes nos dialectos modernos, como parece surgir na iconomasiologia do arco-íris, fenómeno natural numinoso.

Ora qualquer que seja a nossa avaliação dessa hipótese, poderemos fazer alguma coisa para a validar ou para a considerar falsa, de modo independente?

Se reflectirmos um pouco na essência da hipótese — que é a eventual sacralidade dos animais —, a primeira resposta que aflora ao nosso pensamento é esta: se esta sacralidade existiu, devemos, necessariamente, encontrar vestígios *na própria iconomasiologia dos animais*. Por outras palavras, *se os animais eram sagrados, o conjunto dos seus nomes — isto é a sua iconomástica — deverá revelá-lo*. E não só, deverá fazê-lo de modo sistemático e repetitivo, como sabemos agora poder esperá-lo a partir da pesquisa iconomasiológica.

É, assim, que o resultado da pesquisa iconomasiológica do arco-íris, com a descoberta de que a sua iconomástica poderá depender, em larga medida, da antiga sacralidade dos animais, se transforma no *input para uma nova investigação iconomasiológica*: a dos nomes dos animais da zoonimia popular. E é aqui que surge o carácter que definimos como *cíclico* da pesquisa iconomasiológica. Em termos mais gerais, o número e o grau elevado das

generalizações produzidas pela iconomasiologia permitem-nos e impõem-nos novos programas de investigação, com vista, por um lado, a verificar, a nível também geral, os resultados já obtidos e, por outro, a produzir novos resultados, todos destinados a confluír na *semântica histórica* e, em particular, na nova disciplina a que chamámos *arqueologia etimológica*, ampliando sempre mais as regras tipológicas, as redes estruturais e o horizonte cronológico.

No nosso caso, portanto, depois de termos estudado *os animais como icónimos* do arco-íris e, por consequência, depois de termos descoberto que o arco-íris é um resultado frequente da *semasiologia* dos nomes dos animais — sobretudo a partir da suposição de um antiquíssimo papel mítico dos animais como criadores dos fenómenos atmosféricos e do universo —, somos levados a verificar o que pode revelar, sob este suposto papel mítico, o estudo dos *nomes dos icónimos* e, por conseguinte, dos *nomes dos animais*: isto é, a *iconomasiologia* da zoonimia popular.

Notas

¹ Por icónimo entende-se a pré-forma léxica de uma palavra, isto é, uma palavra preexistente que, no momento da lexicalização e de um novo referente, «empresta» o seu significado à nova palavra; por convenção, ela vem assinalada entre parênteses {} (Alinei 2009).

² N.T.: e em português também.

³ A lenda dolomítica do arco-íris (*ergobando*) quebrado por Silvano por amor de Aquana, e lançado ao lago de Carezza, é contada, entre outros, por Pizzinini (1952: 103).

A PRÉ-HISTÓRIA DOS NOMES DOS ANIMAIS: A JOANINHA E A DONINHA

MARIO ALINEI

A joaninha

O mapa iconomasiológico europeu da 'joaninha', que fizemos em colaboração com a investigadora portuguesa Manuela Barros Ferreira (Alinei & Barros Ferreira 1990), atesta a presença de cinco categorias de icónimos, que listaremos a seguir, fazendo acompanhar cada uma das indicações pelos diversos icónimos presentes nos agrupamentos:

{PARENTES}:

{avó}, {velha}, {mãe}, {tia}, {tio}, {avô}, {velho}, {madrinha}, {comadre}, {esposa}, {noiva}, {cunhada}, {filho}, {filha}, {rapariga}, {órfã}.

{SERES MÁGICO-RELIGIOSOS PRÉ-CRISTÃOS}:

finlandês {*Ukko* 'Velho, deus do Céu'}, holandês {*Puken* 'espécie de *farfarello*'}, finlandês {*Lemminkäinen* 'personagem do *Calevala*'}, romeno {*Paparuga* 'mulher nua coberta de plantas, dos rituais agrários primaveris'}, {*indovina*} em diversas línguas, {*ondina*} na Itália setentrional.

{SERES MÁGICO-RELIGIOSOS CRISTÃOS E MUÇULMANOS}:

{Deus}, {Nosso Senhor}, {Pai do Céu}; {Alá}; {Cristo}, {S. Pedro}, {S. João}, {S. Paulo}, {S. Martinho}, {S. Nicolau}, {St.^o António}, {S. Miguel}, {bispo Barnabé}, {anjo}, {alma}, {Diabo}, {monge}, {padre}; {Nossa Senhora}, {Maria Virgem}, {St.^a Maria}, {Mãe de Deus}, {irmã de Deus}, {Sta. Catarina}, {St.^a Lúcia}, {St.^a Ana}, {santinha}, {monja}, {peregrina a Roma}, {mulher do papa}, {pequena Maria de S. Vito}; {mesquita}, {Fátima}.

{PERSONAGENS LAICAS}, isto é:
{PROFISSÕES}:
{pastor}, {sapateiro}, {ourives}, {soldado}, {guarda}, {mendigo},
{comerciante}; {pastora}, {costureira} {padeiro}, {moleiro}, {dona de
casa}.

{SENHORES}:
{rei}, {boiardo}, {rainha}, {dama}, {patroa}.

{ANTROPÓNIMOS} (de provável origem sagrada, mas laici-
zados):

{Pedro}, {João}, {(favorito de) João}, {(homenzinho de) Joana},
{Martim}, {Nicolau}, {Vital}, {Andreia}, {Isidoro}, {António}; {Maria},
{Catarina}, {Lúcia}, {Ana}, {Joana}, {Paulina}, {Martinha}, {Nicolina},
{Gertrudes}, {Brigite}, {Elisabeth}, {Margarida}, {Teodora}, {Helena},
{Madalena}, {Apolónia}, {Luisinha}.

Antes de mais, como explicar a enorme quantidade destas denominações da joaninha? Para responder a isto, é oportuno recordar uma coisa, sobretudo a quantos nasceram e cresceram num contexto urbano: uma das mais difundidas tradições do campo, quer em Itália quer no resto da Europa (e provavelmente também fora da Europa), fundamenta-se no hábito das crianças, quando encontram uma joaninha ou, em muitos casos, quando conseguem fazê-la andar nas suas mãos, de recitar uma lengalenga, naturalmente no dialecto local. Muito frequentemente, estas tradições de carácter local, microgeográfico, são as que dão origem ao nome da joaninha. Eis alguns exemplos que traduzimos (perdendo naturalmente a rima e o ritmo).

De Itália:

*Joaninha, joaninha
mostra-me o caminho do meu noivo.*

Da Alemanha:

*Pássaro do Sol, voa!
Volta de casa de meu pai!
Volta depressa
e traz-me mel e peras!*

De Espanha:

*Sozinha, sozinha, joaninha
vai à montanha
e diz aos pastores
que tragam o bom sol
para hoje e para amanhã
e para toda a semana.*

De França:

*Pequena joaninha
voa, voa, voa!
teu pai está na escola
voa, voa, voa!
comprar-te-á um belo vestido
voa, voa, voa!
se tu não voas
não haverá nada.*

De Portugal:

*Joaninha voa, voa
que o teu pai está em Lisboa
com um rabo de sardinha
para dar à joaninha.*

Da Finlândia:

Voa, voa, joaninha

Se tu não voas

Meto-te

debaixo de uma pedra e tu secarás

E, sob um tronco duma árvore, te arreponderás.

A tradução e a consequente perda da rima não nos dão conta de um primeiro facto: muitas vezes, o nome da joaninha coincide com o primeiro verso ou faz parte dele. Um exemplo típico italiano é o nome da joaninha — difundido em Abruzzo e na Sicília — «*voa, voa, S. Nicolau*», que coincide com as primeiras palavras da cançoneta local. Muito mais importante, porque se assemelha à verdadeira natureza destes nomes, é assim a seguinte observação: em todas estas lengalengas, independentemente da sua proveniência, a joaninha assume um papel no âmbito de um ritual, no qual tomam parte outras personagens fixas. E todas estas personagens, inclusive a joaninha, são as mesmas que encontramos no maior e mais rico panorama das lendas mundiais (Alinei & Barros Ferreira 1986), que há vários decénios, a partir dos estudos pioneiros de Propp (1928/ 1969, 1946/ 1972), são objecto de estudos de especialistas, com grande interesse histórico-cultural.

Temos, antes de mais, o *animal-assistente*, representado pela joaninha, e o *herói*, representado pela própria criança. O herói convida o animal-assistente a voar, isto é, a efectuar uma viagem para se transportar a um lugar que tem uma valência mágica, ou seja, para um *reino longínquo/outro mundo*, ou a chegar junto de alguém que é o mágico *doador*, onde deverá cumprir a sua *tarefa difícil*: como encontrar ou trazer alguém ou qualquer coisa que se deseja. Por isso, o animal-assistente receberá um *prémio*, se cumprir a sua tarefa, ou um *castigo* se o não conseguir.

Ora Propp tinha visto, na estrutura e no significado do conto e no papel neste desenvolvimento dos animais-assistentes, a trans-

formação de um ritualismo muito mais antigo, de tradição directa do *totemismo*, em cujo âmbito o *animal-totem* concentrava em si todas as funções que, no conto, aparecem em separado: o herói, o doador, o viajante e o executante dos prémios ou dos castigos.

Eis, assim, que nos confrontamos de novo com o mesmo contexto do arco-íris e, sobretudo, com a mesma hipótese de fundo.

Demos um passo adiante e vejamos um outro animal: a doninha.

A doninha

A bibliografia dos nomes da doninha é muito rica e, em particular, na pesquisa acerca dos seus nomes neolatinos participaram alguns dos maiores vultos da romanística, com estudos exemplares. É assim muito mais interessante reconstruir as etapas fundamentais. Além disso, também para a doninha, existe um mapa, comentado com nomes europeus da doninha, que recolhe e ilustra o conjunto de dados (Alinei 1986). Enfim, os nomes europeus da doninha chamaram também a atenção dos estudiosos como muito representativos da tipologia do tabu linguístico.

Começando precisamente pelos icónimos determinantes do {TABU}, é desde logo evidente que os nomes originários do animal — que infelizmente neste caso se ocultam — se tornaram tabu e foram substituídos por nomes que têm características bem estudadas pelos especialistas: em primeiro lugar, nomes explicitamente reveladores da {PROIBIÇÃO}, como {inominável} e {sem nome}; ou {OFENSIVOS} e {EXORCÍSTICOS} como {monstro}, {a bela e o monstro}; ou {PROPICIATÓRIOS} e {IPOCORÍSTICOS} como {bela} (cfr. francês *belette* e dialectos italianos *bellola bellotta*), {bellina}, {carina}, {cara}, {dolce}, {buona}, {donna bella}, e {donnina} (italiano *donnola*). Mas pertencem à tipologia dos tabus também os icónimos que representam uma {GENERALIZAÇÃO}, como {ser vivo}, {animal}; ou ainda os que descrevem o {HABITAT}, como {porta de

parede}, {degrau de escada}, {soleira}, {monte de pedra}; ou {CARACTERÍSTICAS FÍSICAS}, como {branco}, {cor de neve}, {vermelho}, {pontiaguda}, {sem linha de vida}; ou {CARACTERÍSTICAS COMPORTAMENTAIS} como {nociva}, {roubar}, {comer}. E são também próprios do tabu os icónimos que substituem o nome do animal por um de um {ANIMAL PARECIDO OU DIFERENTE}, muitas vezes semelhante, mas doméstico, como {gato}, {cão}, ou nitidamente diferente, ou mesmo oposto, no aspecto, tipo e dimensões do original, como {rato}, {andorinha}, {lagarto}, {touro}, {garanhão}.

A mais evidente conclusão que podemos tirar desta rica documentação da designação do tabu do animal, universalmente reconhecida como tal, é de novo aquela que encontramos para a joaninha e para o arco-íris: a doninha deve ter sido sagrada. Só se torna tabu aquilo que é sagrado, e sagrado, não só no sentido comum, mas também no sentido mais profundamente psicológico do termo, isto é, o que desperta em nós sentimentos de repulsa, medo e atracção, respeito e reverência.

Para além desta consideração, está provado sem qualquer dúvida que a doninha na Europa era considerada sagrada pela presença, entre as suas categorias iconómicas, de numerosos e evidentes icónimos {MÁGICO-RELIGIOSOS} como {FADA} em Inglaterra; {DEUSA}, {MAGA}, {FEITICEIRA}, {ENCANTADORA}, {GÉNIO DOMÉSTICO} na Rússia; {ESPÍRITO DA TERRA} em Carélia; {DIANA (DA PAREDE)} na Sardenha.

A ausência ou escassez de nomes cristãos para a doninha, à primeira vista, surpreendente, deixa-se facilmente explicar em termos de racionalismo popular (a doninha é um animal perigoso para o agricultor moderno). De facto, nos bestiários medievais, a doninha, pela sua capacidade de combater a serpente, era directamente equiparada a Jesus Cristo.

Mesmo os curiosos icónimos de tipo espanhol, occitano, italiano e basco {PÃO E QUEIJO}, occitano {PÃO E LEITE}, espanhol

{CAÇAROLA} e em dialecto italiano {PENEIRA} foram atribuídos por vários estudiosos, em pesquisa meticulosa e bem-sucedida (ver, por exemplo, Bambeck 1984), aos antigos ritos propiciatórios rurais, com base em testemunhos que remontam ao início do cristianismo.

Talvez, mais importante de tudo, devido ao seu uso generalizado e à sua evidente antiguidade, sejam, enfim, os nomes atribuídos à doninha, que têm em comum a classe iconomástica do {PARENTE}, de transparente tipologia totémica. Em todo o Sul da Europa, do Atlântico ao mar Negro, na verdade, a doninha tem nomes como {comadre}, {esposinha}, {nora}, {tia}, {primo}, diversamente expressos nas línguas e nos dialectos neolatinos, albaneses, eslavos, húngaros e turcos.

Começemos pelo nome espanhol e occitano da doninha, isto é, *comadreja* e *comairela*. Este nome aparece também em alguns dialectos italianos centro-meridionais — em relação ao tipo *comarella* — mas é na região franco-ibérica que a pesquisa se concentrou. Já Menéndez Pidal tinha feito notar que a região da *comadreja* e *comairela* está dividida em duas por um outro nome espanhol da doninha, também esse muito interessante: *paniguesa*, isto é, {pão e queijo}. Numa interpretação regional impecável, o romanista espanhol demonstrou que a região do tipo {*comare*} devia ser mais antiga que a de {pão e queijo}, dado que a primeira se entrosa na segunda e a divide (Menéndez Pidal 1964: 404). A cronologia relativa é, pois, clara. O que dizer da datação absoluta? Se o tipo {pão e queijo} é mais recente de que {*comare*}, quando foi o primeiro, e quando foi o segundo? Menéndez Pidal não se pronuncia. Por sorte, junta-se a pesquisa do tipo {pão e queijo}, cuja história é esclarecedora. Primeiro, linguistas ilustres, como Schuchardt e Spitzer tinham interpretado {pão e queijo} como uma simples metáfora baseada nas cores branco e castanho da doninha. Igualmente, Menéndez Pidal não se afasta muito desta explicação. Os passos em frente decisivos vêm, de

facto, com Rohlfs (1931), que descobre que {pão e queijo} é também o nome de vários animais e de animais de estimação, cujas cores são bem diferentes das da doninha. Rohlfs, além disso, descobre que {pão e queijo} é uma das muitas oferendas que as crianças fazem à doninha e aos outros animais, com as suas lengalengas, para lhes agradecer ou para lhes pedir um favor. Finalmente, Bambeck (1984) descobre que, mesmo dentro da região onde há este nome, isto é, na Galiza, o bispo Martinho de Braga, no século VI de nossa era, tinha invectivado contra os camponeses de seu tempo, que insistiam em fazer oferendas — entre elas também a de pão — a animais e insectos. Eis assim interpretado correctamente o nome da doninha {pão e queijo} à luz de uma documentação tipicamente antropológica, e eis acima de tudo um rigoroso termo *ante quem*, o séc. VI da nossa era, para o tipo {pão e queijo} e, de facto, uma sua datação pré-cristã. Mas então, estando assim as coisas, a que época pertence o tipo {comare} que, como vimos, sob a batuta de Menéndez Pidal, deverá ser ainda mais antigo? Vejamos assim o que nos oferece o mapa pan-europeu.

Em toda a Europa Meridional, a doninha tem nomes parentais: em português chama-se *norinha*, diminutivo de {nora}; na Galiza, Espanha, França meridional e Itália centro-meridional, como tínhamos visto, {*comarella*}; em albanês *nuse* e variantes, isto é, {esposinha, a mais nova das noras}; em grego *nifitza* {esposinha}; nos dialectos centrais italianos *zitola*, de *zita* {esposa, esposinha, rapariga com marido}; em búlgaro, macedónio, servo-croata, ucraniano, e daí, em romeno e moldavo, *nevestica* e variantes, {esposinha}; em búlgaro, também *bulka* {esposinha}; em turco e em gagauzo, derivados dialectais de *gelin* {esposinha}, e {nora}; em húngaro *menyét* e variantes {nora}. Para além disso, encontram-se tipos semelhantes, não só na Dinamarca e na Alemanha, mas até no Norte de África, seja no árabe, seja no berbere. Com efeito, trata-se de uma isoglossa iconímica ininter-

rupta, do Atlântico ao Mediterrâneo e ao mar Negro, que compreende também a margem meridional do Mediterrâneo, parte da Europa Central e Norte-Central e parte da Ásia Menor. Obviamente, não pode tratar-se de uma difusão recente, dado que compreende grupos linguísticos totalmente independentes, isto é, indo-europeus, turcos, urálicos, árabes e berberes. Além disso, se na mitologia *clássica* encontramos vários mitos antropomórficos da doninha, muito difundidos sobretudo no mundo grego (ver, para além de Alinei 1986, também Bettini 1998), na mitologia popular da doninha encontramos muitíssimos documentos da sua difusão europeia e do seu carácter arcaico. Decisiva finalmente, para o problema da antiguidade da datação, é a prova húngara. O nome húngaro da doninha, *menyét*, como vimos, significa na origem 'nora'. Mas o nome húngaro antigo da doninha era *hölgy*, *helgy*, que em húngaro moderno se tornou 'esposinha, senhora'. Este nome originário húngaro *hölgy*, todavia, faz parte de um grupo de antropónimos húngaros, na maior parte de origem turca, que os investigadores húngaros são concordes em considerar antiquíssimos, vindos directamente de uma origem totémica (Kálmán 1978: 36, 40, 43; Gombocz 1926/1973: 106): trata-se de nomes como por exemplo *Kus* 'falcão', *Karcsa* 'urubu', *Kartla* 'águia', *Torontál* 'falcão', *Turul*, *Turol*, *Turony* 'falcão', *Zongor* o *Csongor* 'urubu', *Arszlan* 'leão', *Barsz* 'pantera', *Kaplan* 'tigre', *Kurd* 'lobo', *Tege* ou *Teke* 'aríete', *Gyalán* ou *Gyilán* 'serpente', *Aktaj* 'potro branco', *Karakus* 'falcão negro', *Akkus* 'falcão branco', *Kücsbarsz* 'pantera forte', *Alattyán* 'falcão heróico', *Thonuzoba* 'pai de javali', *Farkas* 'lobo', *Karoldu* 'doninha negra', *Saroldu* 'doninha branca', *Nyesta* o *Nyeste* 'fuínha', *Holgyasszony* 'arminho feminino' e muitos outros. Porque interpretamos estes antropónimos como tendo uma directa origem totémica? Por duas razões: antes de mais, porque nos conduz inevitavelmente à mais antiga crónica da Hungria, dita de Anónimo, que diz respeito às origens da família de Árpád, o lendário herói

fundador da Hungria, que conduz a tribo húngara à bacia do Danúbio até Tisza (Kálmán 1978: 36). A crónica conta como um turul, a mítica águia dos antigos húngaros, acasalou com Emese (do turco eme 'mãe', animal feminino'), avó de Árpád, enquanto esta dormia. O fruto desta união foi Álmos, pai de Árpád. Além disso, já que muitos destes antropónimos húngaros são de origem turca, os investigadores húngaros são levados a projectá-los para a época dos contactos da etnia húngara com os povos altai-cos. Eis, pois, que nesta grande região de difusão do tipo parental para a doninha tenhamos dois pontos firmes para uma datação absoluta — o tipo neolatino e o tipo húngaro — datação que pode estender-se, numa espécie de datação cruzada, a toda a região.

Eis, assim, os resultados da pesquisa da iconimia europeia da doninha: (I) uma definitiva confirmação do *carácter sagrado dos animais*, e mais precisamente do seu papel *totémico* que agora emerge, preponderantemente e de modos variados, da tipologia iconímica da doninha; (II) uma confirmação da antiguidade das denominações parentais dos animais e, assim, ainda que indirectamente, das representações zoomórficas do arco-íris; (III) a um nível mais geral, a primeira confirmação que uma pesquisa cíclica que parta dos icónimos de um nome (por exemplo, {ANIMAL} como icónimo/nome do arco-da-baleia) para estudar o *nome do icónimo* (por exemplo, nomes de animais) produz resultados extremamente relevantes para uma melhor compreensão de ambos os quadros iconomásticos.

ALGUNS NOMES TOTÉMICOS DA PAISAGEM

FRANCESCO BENOZZO

O antepassado matrilinear nos zoónimos e nos meteorónimos

O vastíssimo espólio semasiológico dos nomes totémicos desenvolvido nos últimos trinta anos pelo grupo de estudiosos que trabalharam e trabalham em redor de projectos como o *Atlas Linguarum Europae*, *l'Atlas Linguistique Roman* e os «Quaderni di Semantica» concentrou-se especialmente nos zoónimos e nos meteorónimos. Destes estudos emerge a extraordinária produtividade do tipo iconómico da {VELHA}, presente por detrás dos nomes dialectais europeus dos *fenómenos atmosféricos* e dos *elementos naturais*, como o arco-íris, o nevoeiro, o calor abrasador, a faísca as nuvens, o furacão e o trovão, o zumbido dos bosques, o Sol, a Lua, e dos *animais* como a lagarta, a barata, a joaninha, a doninha, a carriça, a borboleta, o pirilampo, o ralo, a minhoca, a aranha, o sapo, o morcego, a cobra, o urso, vários tipos de aves (referências bibliográficas em Benozzo 2011a). Na interpretação faseada de Alinei, que se apoia em particular nos estudos de história das religiões de Donini (1959, 1977, 2003) e na obra de Propp (1946/1972), estas denominações remontam a uma época paleomesolítica, isto é, a um contexto totémico típico das sociedades de caça e recollecção (Alinei 1984a). Mais especificamente, eles deixam transparecer uma estratigrafia na qual há uma primeira fase totémico-animal baseada exclusivamente nos animais caçados e comidos, assumidos como fundadores e como heróis demiurgos da comunidade selvagem do Paleolítico; segue-se uma segunda etapa, *totémico-meteorológica*, correspondente à última fase do totemismo, no Mesolítico Final, quando, a partir de então, a sociedade desenvolveu uma técnica de produção mais avançada, com formas rudimentares de agricultura, mais cons-

cientemente ligada aos ciclos sazonais, e quando, por consequência, também os fenómenos [...] atmosféricos poderiam ser assumidos como totem.

Com respeito aos zoónimos e aos meteorónimos, e sempre dentro do ponto de vista do Paradigma da Continuidade Paleolítica (PCP)¹, surgiram recentemente alguns nomes de matriz totémica relativos aos elementos da paisagem física, em particular cursos de água, assinalados pela primeira vez por Ballester 2007 (que interpretou sob esta óptica os hidrónimos *Avançon, Avia, Avión, Aventia*)² e acerca dos quais tenho escrito (Benozzo 2008; 2010: 245, onde se examinam alguns topónimos orais da região apenina setentrional relativos a lagos e a cursos de água). Na periodização por etapas já referida, estes nomes deveriam ter pertencido à fase mais arcaica, a da comunidade selvagem paleolítica, visto que é fácil ver por detrás deles um tabu referente ao território de caça, reconhecido, ao mesmo tempo, como perigoso e como fonte de subsistência e, portanto, renomeado, deste modo, no sentido propiciatório. Também graças à comparação que pode ser feita a partir dos estudos realizados ainda hoje das sociedades de interesse etnográfico, devemos pois pensar na existência de tabus ligados não só a seres vivos que vivem no território, mas também aos conotados com o próprio território (Benozzo 2009).

Neste artigo quero assinalar como fazendo parte, presumivelmente, deste contexto, os nomes *valanga, lava* e *lavina* 'slavina'³, augurando o começo de um espólio sistemático e de larga escala, com carácter totémico, dos hidrónimos e orónimos.

Valanga, lavina, lava: a etimologia corrente

VALANGA (AVALANCHA)

REW 4807. Para DELI, *valanga* é um «neologismo» que pode ter «vindo do latim falado **labīnca(m)* ou **labīnica(m)*, ligado ao verbo *lābi* 'escorregar', bem como *lavina*» (DELI: 1408)⁴. Para DEL, (V, 3977-2978) vem, através do francês *avalanche*, do dialec-

to de Sabóia, *lavantse*, por sua vez vindo «do suíço-romanche *avalantse* (por influxo de *val*, *avaler*⁵), passado anteriormente ao delfinês *lavanchia* (a. 1323, em lat.)», e remonta, em definitivo, a uma relíquia «do substrato do Mediterrâneo» (DEI V, 3977-2978). Devoto pensa, mais genericamente, num «piemontês alpino, *valanca*, forma metatética de um tema mediterrânico *lava*» (AEI: 449).

LAVA

REW 4806. DELI vê em *lava* uma palavra napolitana do século XVII, «do lat. *lābem* ‘*scivolamento*’⁶, com o significado principal de ‘torrente de água da chuva’ [...] através do qual explica facilmente a sua origem» (DELI 656) (igual proposta em DEI III, 2185 e em AEI 241 [«do napolitano *lava*»])⁷.

Enfrentamos a paradoxal e a enorme confusão habitual entre o primeiro testemunho escrito de uma palavra (e de um fenómeno em geral) e a sua origem: como é possível de facto pensar-se que um elemento como a lava (originariamente entendida como um deslizamento de terra, uma avalanche de terra, etc.) seja lexicalizado na época moderna e, além disso, a partir de uma palavra latina arcaica? Dada a presença do Vesúvio e o relativamente precoce testemunho de textos napolitanos, é muito clara a razão pela qual o primeiro testemunho escrito de *lava* se encontre precisamente nesta região: mas é verosímil pensar neste documento como servindo para datar o nascimento da palavra?

LAVINA ‘RAVINOSO’ OU ‘AVALANCHA DE TERRA’

REW 4807. Segundo DELI, trata-se de uma palavra culta do latim tardio, difundida por autores como Santo Agostinho e Isidoro de Sevilha: «*labīna(m)*, um derivado de *lābi* ‘cair, deslizar’, com poucos reflexos populares» (DELI 657) (idêntica proposta em DEI III, 2187 e em AEI 241, onde a *labīna* se atribui o significado de ‘pedaço de terra que desliza’).

Também neste caso, é simplesmente inverosímil que o nome de um elemento da paisagem como *slavina* (avalancha de terra, desmoronamento) se tenha difundido na língua comum graças a autores da latinidade cristã tardia: além da datação recente, inverosímil é o facto de tal palavra ser atribuída a um ambiente culto⁸.

A nova etimologia: o seu contexto climático (Pleistoceno Final e Holoceno) e o seu contexto ideológico (totemismo)

Já mencionei as premissas teóricas dentro das quais, em minha opinião, devem ser colocados os nomes em questão. Antes de mais, deve sublinhar-se que tanto *lava* (cujo o primeiro significado — atestado em vários dialectos — é o de ‘desmoronamento, avalancha de terra’, como demonstra igualmente a rica toponomástica onde a palavra aparece: [Pellegrini 1990, 186]) quanto *valanga* (avalancha) e *lavina* (avalancha de terra) se referem perceptivelmente a um único ponto comum: uma massa de matéria que desce por uma encosta (quer em forma de neve, terra ou pedra), como mostram alguns etnotextos, dentre os quais cito o seguinte: «se dizio istés tanè ero la valango, kume la rüno, pèr ezémpi de èn barun de tèro ki è partio èro na rüno, ma de kó èro na rüno la valango de fyóko» [dizia-se do mesmo modo, quer fosse uma avalancha de neve, quer um desmoronamento, por exemplo, de uma massa de terra que tivesse deslizado <dizia-se que> era *na rüno*, do mesmo modo que era *na rüno* a avalancha de neve] (Canobbio 1984, 232-233)⁹.

Assim, de um ponto de vista geológico, não é inútil recordar que a avalancha de terra e a avalancha de neve deviam ter sido fenómenos típicos da paisagem da Europa glacial pleistocénica (tal como na época do Paleolítico Superior, a partir de cerca de há 40 000 anos, coincidente com a chegada do *Homo sapiens* à

Europa (Kozłowski & Otte 1994), bem como na transição holocénica, na qual os nossos antepassados caçadores e pescadores mesolíticos se estabeleceram pela primeira vez nas regiões do degelo pós-glaciar (a fase chamada pré-boreal: há 10 000 - 8700 anos). Para que se compreenda, era a época em que as populações da actual Europa Central, isto é, da Europa Setentrional de então, não olhavam para o mar como limite em direcção ao Norte, mas para uma linha infundável de gelo, onde a paisagem era, tal como hoje na Península Italiana, uma imensa tundra intervalada por calotes de gelo e relevos gelados. A planície padoveneziana, por exemplo, continuava pelo Adriático Setentrional, que não era ainda um mar, e a língua glacial – com um comprimento de cerca de 70 km – percorria no sentido latitudinal o território no qual se encontra actualmente a Emília, a Toscana, Abruzzo; também na Córsega são muitíssimos os vestígios de enormes glaciares, que cobriam grande parte da ilha (Riccardi 1978, 48-50).

Todos estas três palavras podem ser reconduzidas à base iconímica da {VECCHIA, velha}, isto é, na interpretação de Mario Alinei e Vladimir Propp, à figura que remonta ao antepassado matrilinear: assim, tais nomes tornam-se vestígios preciosos e (vivos!) de «an archaic representation of nature, according to which the "old woman" dominates nature» (Alinei 1988, 48)¹⁰ («uma representação arcaica da natureza, de acordo com a qual a "velha mulher" domina a natureza»). A base comum é, de facto, na minha opinião, o latim AVA ‘antepassado materno’ (proto-índo-europeu *AUO-S ‘id.’: cfr. IEW 89; IECD 48)¹¹.

Quanto a *valanga*, confrontando-se com o francês *avalanche* (castelhano, *avalancha*), pode pensar-se num composto de AVA + *LAMICA, ou seja, ‘a lâmia antepassada’, que identifica o tipo iconímico {DRAGÃO ANTEPASSADO}. A forma *LAMICA ‘drago’ foi reconstruída por Alinei, em numerosos ensaios, como tendo base no piemontês e no lombardo *lanca/langa*, ‘pântano, charco, íngreme’, mas

também ‘cordilheira montanhosa, torrente’, francês *lanche/lance/lans* ‘terreno desmoronável, depressão de terreno’, e nos topónimos do tipo *Langhe, Lanzo*, etc. (Alinei 2002; 2003b; 2009).

Sempre com {AVA}, com aglutinação do artigo, voltamos a *lava*, só interpretável como *L’AVA¹², e *lavina*, isto é, *L’AVINA, com sufixo diminutivo-afectivo, típico da atribuição de nomes a entidades, objectos ou elementos tornados tabus (há numerosos exemplos em Zelenin 1988-1989). Para este último termo, surge uma confirmação vinda da denominação de *slavina* na região franco-provençal, ladina e corsa. Em franco-provençal encontramos *lavétza* (ALI 4949; ALEPO 22-23), claramente legível – com a habitual aglutinação/desaglutinação do artigo – como *la vetza*, isto é, ‘*la vecchia*’ (a velha). No ladino *la slavina* torna-se *giavina*, com um significado muito transparente de ‘*piccola nonna*’¹³ (*giava* diz respeito a *iàva*, e *ieva* e *nòna* (*avó*) são termos locais para ‘*nonna*’, também esse evidentemente ligado a AVA: Mazzei 1976, s.v. *giava*). Finalmente, o corso atesta *anina* ‘*slavina*’ (ALEIC 77), claramente ligado – através do habitual sufixo diminutivo – ao lat. *anus/ANA* ‘*vecchia*’ (‘velha’) (DELL).

A confirmação dos etnotextos e da toponomástica

A documentação etnotextual mostra-se, como sempre, preciosíssima. Antes de mais, com referência a *valanghe* (avalancha) e a *slavine* (avalancha de terra), não é extemporâneo recordar que o personagem da Rainha da Neve é um personagem muito difundido no fabulário mundial (basta pensar em dois exemplos famosos: a *Sneedronningen*, rerepresentada por Hans Christian Andersen, e a Rainha dos Gelos das *Crônicas de Nárnia* de Clive S. Lewis). Mas é nas simples lendas locais que a conexão entre *slavina/valanga* e a antepassada totémica surge na sua evidência onomasiológica estrutural. Numa das lendas de Vale Pusteria recolhida por Marabini 1989, 78, lê-se:

A avalanche grande não dava sinal de derreter-se, embora fosse Verão, e para salvar os campos e as culturas, ele ateou fogo à neve; mas da avalanche veio *uma voz de velha* que o assustou e obrigou a fugir.

Nas *Lendas dos Alpes Lepontinos*, publicadas por Garobbio 1959, 27, lemos:

Quando a avalanche se destaca e desce e de longe o ar geme e a imensidão da própria montanha parece apavorada, uma criatura diáfana, *semelhante a uma velha de cabelos brancos*, começa a rir e mostra-se no vale antes de desaparecer de novo.

Nesta breve selecção de exemplos, cito por último um testemunho relativo ao lado francês dos Alpes, fornecida por Ferrand (1879, 175):

«Les montagnards expliquent par de naïves légendes la présence des glaciers [...]. *Une vieille femme* vivait sur la montagne [...] après sa mort un glacier commença à se former, puis se développa, c'est aujourd'hui le glacier de Charbonnel, ou *Glacier de la Vielle*». (Os montanhesees explicam, através de lendas ingénuas, a presença dos glaciares [...]. *Uma velha mulher* vivia na montanha [...] depois da sua morte, um glaciário começou a formar-se, desenvolveu-se e é hoje o glaciário de Charbonnel, ou *Glaciário da Velha*).

Além disso, a ligação entre a velha e a slavina/valanga está extraordinariamente conservada na paremiologia, um campo ainda pouco estudado (e do qual possuímos, infelizmente, poucos dados): refiro-me à exclamação, registada por Wagner 1881, 66, utilizada em Vale Badia, quando se desmorona uma avalanche de terra: *L'a chamè la nòna!* [«A avó chamou!»]; semelhante a esta, verifica-se na região limítrofe de Vale de Fiemme, *L'è rivè la nòna!* [«A avó chegou!»] (ibid.)¹⁴.

Se ainda não bastasse, acrescento que a toponomástica pode fornecer dados relevantes para fazer a avaliação da interpretação destes orónimos numa base totémica. Por exemplo, na região alpina e pré-alpina existem locais fracturáveis chamados *Sena*, *bacia do Sena*, *vale do Sena*, *glaciar do Sena*, que são reportáveis ao gálico **sēnā* < celt. [protocéltico] **sēnā* ‘velha’ (Holder 1904, 1465; Borghi 2009, 675). E não se esqueça que a mesma *vedretta/vedrette* ‘glaciares suspensos’ remonta, através de *vedra* < *vedla* < **vedula*, ao lat. *vetula* ‘a velha’ (Lurati 1992).

Numerosos, e ainda mais significativos, são também os topónimos – esses igual e frequentemente associados a um ambiente de tipo de terra fracturável e com a presença de avalanches de terra – do tipo *Maravègia*, *Maravecchia*, *Maravèglia* (exemplos em Borghi 2009, 156–158): nomes que – em alternativa a uma interpretação intuitiva que estão próximos de *mirabilia*, *meraviglia*, *maravilha*, *maravilhas* (interpretação muito pouco convincente para um topónimo) – podem ser reportados a *mara* + *vègia*, composto onde se pode reconhecer como primeiro elemento o adjectivo gálico **mārā*, **mārō* – (Delamarre [2003: 218-219]) < celt. [protocéltico] **mārā*, **mārō*– ‘grande’ (IEW 704, Vendryes 1961, M-18) e, como segundo, o normal nome da ‘velha’; trata-se portanto, também neste caso, de uma continuação do tipo iconímico {A GRANDE VELHA}. Bracchi 2007, 116 propõe de imediato ver na *Màra* «a representação de um fantástico dragão primordial [...] vindo de uma antiga base pré-latina **mara*, subjacente a muitos nomes de insectos, de algum modo demonizado, mas reemergente nas denominações europeias do íncubo»: aceitando a sua etimologia, e interpretando *vegia* somente como ‘velha’, encontramos exactamente diante do tipo iconímico do {DRAGÃO ANTEPASSADO} ou da {ANTEPASSADA DO DRAGÃO} que reconstruímos para a nossa *valanga*.

Fecho com um exemplo céltico: um nome irlandês da avalanche e de deslizamento de terra é *gráinnech*; tal nome, que deriva do céltico

tico **grānīkā*, 'velha', 'substancia granulosa' (cfr. indo-europeu **gerh-* 'semente, grão', mas também 'envelhecimento' [IEW 390-391]), na forma *Gráinne/Gránnie* é também o nome de uma assustadora criatura sobrenatural muitíssimo presente nas lendas da região gaélica: como recorda Simonelli 2007, 19, de alguns túmulos de pedra ou de terra amassada «se diz que foram feitos de pedras caídas dos aventais da «Velha Bruxa»¹⁵.

Em síntese, também este último exemplo mostra como a antepassada totémica se torna e se transforma em desmoronamento e avalanche de terras e continua a manifestar-se na paisagem através da palavra com a qual os nomeamos, isto é, os artefactos imateriais de que, há pelo menos trinta milénios, utilizamos para os reconhecer.



*Representação do dragão-morena,
numa gravura alpina do século XIX.*

Notas

- ¹ Cfr. sítio oficial do *workgroup* que trabalha sob e com o PCP: <www.continuitas.org>.
- ² «Com efeito, algumas raízes mais frequentes da hidronímia indo-europeia, como notoriamente **au[a]* – ou também **am[a]*– e **an[a]* –, apresentam a particularidade de estar documentadas também como raízes para nomes parentais no conjunto indo-europeu» (Ballester 2007: 32).
- ³ N.T.: avalanche, lava e ravinoso, com o sentido de 'avalanche de terra', desmoronamento.
- ⁴ Corominas considera esta forma reconstruída «desde logo absurda na sua terminação» e considera a etimologia como «indefensável» (DCECH I, 416).
- ⁵ N.T.: em português 'engolir'.
- ⁶ N. T.: 'deslizamento'.
- ⁷ Curiosamente, Devoto – como se disse – remete para a palavra mediterrânica LAVA a explicação de *valanga* (*avalancha*), mas não menciona essa questão sob a palavra *lava*.
- ⁸ Para um caso análogo (os verbos do tipo *trovare/ trouver/ trobar*, tradicionalmente atribuídos à arte clerical médio-latina de compor *trovas* paralitúrgicas) cfr. Benozzo 2011b.
- ⁹ Sobre o termo *rîno* 'valanga, slavina, frana' (avalancha, avalanche de terra, desmoronamento) difundido tanto no occitano quanto no franco-provençal, falarei num próximo estudo.
- ¹⁰ Para além da "representação" pode falar-se de um processo linguístico que se torna um agente activo na criação de crença, pensando, com Meschiari 2010, 90, no acto de denominação mitopoético da paisagem como «momento fundacional» de uma "fenomenologia da produção imaginativa". Para um excuro do culto da Grande Mãe no Paleolítico europeu, cfr. Cohen 2003 e Otte 1993.
- ¹¹ Cfr. o testemunho colateral de arm. [arménio] *hav*, apr. [antigo prussiano] *awis*, asl. [antigo eslavo] **ujь*, airl. [antigo irlandês] (*h*)*áue*, got. [gótico] *awō*, aisl. [antigo islandês] *afi*, *ái*, ags. [anglo-saxão] *ēam*, afris. [antigo frísio] *ēm*, aat. [antigo alto alemão] *ōheim*, mirl. [irlandês médio] *ó(a)*, *úa* 'idem', etc., galls. [antigo cónrico] *ewythr*, acorn. [antigo cónrico] *eutor*, bret. [bretão] *eontr* 'tio materno, avó matrilinear, avó' (IEW 89; IEC 48; Alinei 1988; 1996-2000, I, 606-699, 707-709; 2009, 517-519).
- ¹² Para a retrodatação da formação do artigo na época pré-histórica, e a consequente refutação da tese de uma das suas emergências na Alta e na Média Idade Média cfr. Alinei 2010a; 2010b.
- ¹³ N.T.: 'avozinha'.
- ¹⁴ Mazzali [1988: 21] recorda também que «a acusação de ter provocado um desmoronamento de terra era recorrente nos processos de bruxaria» e, como

sabemos, a bruxa é o personagem que corresponde à fase final da transformação da Grande Mãe, na sociedade das Idades dos Metais, a partir de então estratificada, quando o papel da mulher começa a aparecer estavelmente subordinado (*cfr.* por último Benozzo 2011c).

¹⁵ No seu estudo de muitas *old women* "escondidas" nos dialectos da Europa, Alinei observou oportunamente que, no gaélico da Escócia, *grannie*, 'a velha' é também é o «último nome do molho cortado na época da colheita» e da «larva da borboleta» (Alinei 1988, 42, 43). *Gráinne*, além disso, está presente em numerosos topónimos da região céltica insular (Sims-Williams 2006, 238, 242, 253), e ainda também em topónimos célticos continentais (*ibid.*), entre os quais serão de incluir também os vários *Gra(i)na*, *Granieta*, *Grainella* da Itália setentrional (*cfr.* Olivieri 1961, 267). Para a associação entre a denominação da Velha e os lugares de culto pré-histórico (em particular as grutas), *cfr.* igualmente Benozzo 2011d.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEI = G. DEVOTO, *Avviamento alla Etimologia Italiana. Dizionario Etimologico*, Firenze, Le Monnier.
- AIS = K. JABERG - J. JUD, *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*, 8 vols., Zofingen, Ringier, 1928-1940.
- ALEIC = G. BOTTIGLIONI, *Atlante linguistico-etnografico italiano della Corsica*, 10 vols., Pisa, Tipografia Editrice Pisana 1933-1942.
- ALEPO = C. GRASSI - T. TELMON *et al.* *Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte occidentale*, Pavone Canavese, Priuli & Verlucca Editori, 2004.
- ALI = L. MASSOBRIO - G. RONCO, *Atlante Linguistico Italiano*, Roma, Istituto Poligrafico dello Stato, 1995.
- ALINEI, M. [1983], *Arc-en-ciel*, in *Atlas Linguarum Europae*, I, 1, *Cartes* 8-9, *Commentaire*, Assen, Van Gorcum, pp. 47-80.
- [1984a], *Dal totemismo al cristianesimo popolare. Sviluppi semantici nei dialetti italiani ed europei*, Alexandria, Edizioni dell'Orso.
- [1984b], *I nomi dell'arcobaleno in Europa: una ricerca nel quadro dell'ALE*, in *Diacronia, sincronia e cultura. Saggi linguistici in onore di Luigi Heilmann*, Bréscia, Paideia, pp. 365-384.
- [1986], *Belette*, in *Atlas Linguarum Europae*, I, 2, Assen, Van Gorcum, pp. 145-224.
- [1988], *Slavic baba and other 'old women' in European dialects. A semantic comparison*, in AA.VV., *Wokól Jezyka. Rozprawy i studia poswiecone pamieci*

- profesora Mieczysława Szymczaka, Wrocław, Wydawnictwo Polskiej Akademii Nauk, pp. 41-51.
- [1992], *Tradizioni popolari in Plauto: bibit arcus (Curculio 131)*, «Lares», 58, pp. 333-340.
 - [1996-2000], *Origini delle lingue d'Europa*, 2 vols., Bolonha, il Mulino.
 - [2009], *L'origine delle parole*, Roma, Aracne.
 - [2010a], *Dal latino pre-romano, attraverso i dialetti "moderni", al latino di Roma: l'origine del lat. lumbricus 'lombrico' dal lat. umbilicus*, «Quaderni di Semantica» 31, pp. 177-188.
 - [2010b], *Paradigma della Continuità, dialetti preistorici, auto datazione lessicale ed altro. Una replica a Michele Loporcaro (e a Lorenzo Renzi)*, «Quaderni di Semantica» 31, pp. 285-292.
- ALINEI, M. - BARROS FERREIRA, M. [1986], *Les noms européens de la coccinelle: pour une analyse basée sur la théorie de Propp*, «Quaderni di Semantica» 7, pp. 195-204.
- [1990], *Coccinelle*, in *Atlas Linguarum Europae*, I, 4, *Cartes 42-44, Commentaires*, Assen, Van Gorcum, pp. 99-199.
- ASLEF = G.B. PELLEGRINI, *Atlante storico-linguistico-etnografico del Friuli-Venezia Giulia*, Padova-Udine, Istituto di Glottologia e Fonetica dell'Università di Padova - Istituto di Filologia Romanza della Facoltà di Lingue e Letterature Straniere dell'Università di Udine, 1972-1986.
- BALLESTER, X. [2007], *Hidronimia Paleoeuropea: una aproximación paleolítica*, «Quaderni di Semantica» 28, pp. 25-40.
- BAMBECK, M. [1984], *Wieselbezeichnungen in Portugal und etwas aus Martin von Braga und Thomas von Aquin. Ein Beitrag zum Sprachtabu*, «Quaderni di Semantica» 5, pp. 35-42.
- BENOZZO, F. [2008], *Commento a Franca Tamisari, L'atto di nominare e il potere morfopoietico dei nomi e dei toponimi nella cosmogonia yolngu, Terra di Arnhem nordorientale, Australia* [«Quaderni di Semantica» 29, pp. 231-254], *ibidem*, pp. 263-270.
- [2009], *Commento a M. Meschiari, Roots of the Savage Mind. Apophenia as Cognitive Process*, «Quaderni di Semantica» 30, pp. 223-232.
 - [2010], *Etnofilologia. Un'introduzione*, Napoles, Liguori.
 - [2011a], *Nomi totemici del paesaggio: valanga, lavina, lava*, «Quaderni di Semantica» 32, pp. 7-16.
 - [2011b], *Trouver, trovare, trobar: l'ipotesi celtica*, «Zeitschrift für Romanische Philologie» 127, pp. 133-145.
 - [2011c], *Le lavandaie notturne nel folklore europeo*, in S.M. Barillari (ed.), *Dark Tales. Fiabe di paura e racconti del terrore. Atti del Convegno di Studi sul Folklore e il Fantastico (Génova, 21-22 Novembre 2009)*, Roma, Aracne.
 - [2011d], *Sounds of the Silent Cave. An Ethnophilological Perspective on Prehistoric incubatio*, in G. Dimitriadis (org.), *Archaeologies and "Soundscape". From the*

- Prehistoric Sonorous Experiences to the Music of the Ancient World*, Oxford, Archaeopress [BAR International Series], pp. 65-78.
- BETTINI, M. [1998], *Nascere. Storie di donne, donnole, madri ed eroi*, Turim, Einaudi.
- BORCHI, G. [2009], *Continuità celtica della toponomastica indeuropea in Valtellina e Valchiavenna*, Genova, Istituto di Dialettologia e di Etnografia Valtellinese e Valchiavennasca.
- BRACCHI, R. [2007], *Profilo del dialetto di Montagna*, in Franca Prandi (org.), *Territorio comunale di MONTAGNA*, Sondrio, Società Storica Valtellinese [Inventario dei toponimi valtellinesi e valchiavennaschi, 31], pp. 50-117.
- CANOBBIO, S. [1984], *Testi dialettali ed etnotesti nell'Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte occidentale*, in T. TELMON - S. CANOBBIO (org.), *ALEPO. Atlante linguistico ed etnografico del Piemonte occidentale*, Torino, Regione Piemonte, pp. 207-343.
- DCECH = J. COROMINAS - J.A. PASCUAL, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, 5 vols., Madrid, Editorial Gredos, 1980-1983.
- DEI = C. BATTISTI - G. ALESSIO, *Dizionario etimologico italiano*, Firenze, G. Barbèra, 5 vols., 1968.
- DELAMARRE, X. [2003], *Dictionnaire de la langue gauloise. Une approche linguistique du vieux-celtique continental*, Paris, Errance.
- DELL = A. ERNOUT - A. MEILLET, *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*, Paris, Klincksieck, 1959-1960⁴ (primeira edição: Paris, Klincksieck, 1932).
- DELI = M. CORTELAZZO - P. ZOLLI, *Dizionario etimologico della lingua italiana*, seconda edizione in volume unico a cura di M Cortelazzo e M.A. Cortelazzo, con CD e motore di ricerca a tutto testo, Bologna, Zanichelli, 2002 [primeira edição . in cinque volumi: *ibidem* 1979].
- DONINI, A. [1959], *Lineamenti di storia delle religioni*, Roma, Editori Riuniti.
- [1977], *Enciclopedia delle religioni*, Milão, Teti.
- [2003], *Breve storia delle religioni*, Roma, Newton Compton.
- ELWERT, W.TH. [1972], *Die Mundart des Fassa-Tals*, Nendeln, Kraus (primeira edição Wiesbaden, Franz Steiner, 1943).
- FERRAND, H. [1979], *La légende du Charbonnel*, «Club Alpin Français: Bulletin» 14, pp. 174-175.
- GAROBBIO, A. [1959], *Leggende delle Alpi Lepontine*, Bolonha, Cappelli.
- FRAU, G. [1976], *I nomi friulani dell'arcobaleno*, in *Aree lessicali. Atti del X Convegno per gli studi dialettali italiani (Firenze, 22-26 ottobre 1973)*, Pisa, Pacini, pp. 279-306.
- GARTNER, TH. [1879], *Gredner Mundart*, Linz, Wimmer.
- GOMBOCZ, Z. [1973], *Scritti vari di linguistica generale e ungherese*, Bolonha, Pàtron.

- HOLDER, A. [1904], *Alt-celtischer Sprachschatz. Zweiter Band: I-T*, Leipzig, Teubner.
- IECD = S.E. MANN, *An Indo-European Comparative Dictionary*, Hamburgo, Helmut Buske, 1984-1987.
- IEW = J. POKORNY, *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*, Berna-Munich, Francke, 1959.
- KÁLMÁN, B. [1978], *The World of Names. A Study in Hungarian Onomasiology*, Budapest, Akadémiai Kiadó.
- KOZŁOWSKI, J. - OTTE, M. [1994], *Il Paleolitico superiore in Europa*, in J. Guilaine - S. Settis (org.), *Storia d'Europa. Preistoria e antichità*, vol. II, Turim, Einaudi, pp. 99-102.
- MARABINI, L. [1989], *Leggende della Val Pusteria*, Bolzano, Provincia Autonoma di Bolzano.
- MAZZALI, T. [1988], *Il martirio delle streghe*, Milão, Xenia.
- MAZZEI, M. [1976], *Dizionario ladino fassano-italiano*, Vigo di Fassa, Istitut Cultural Ladin.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. [19645], *Orígenes del Español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Madrid, Espasa-Calpe.
- MESCHIARI, M. [2010], *Nati dalle colline. Percorsi di etnoecologia*, Napoles, Liguori.
- OLIVIERI, D. [1961], *Dizionario di toponomastica lombarda. Nomi di comuni, frazioni, casali, monti, corsi d'acqua, ecc. della Regione Lombarda, studiati in rapporto alla loro origine*, Milão, Casa Editrice Ceschina.
- PIZZININI, F. [1952], *Ladins dla Val Badia*, Trento.
- PIZZININI, A. - PLANGG, G. [1966], *Parores ladines. Vokabulare badiottudësk, ergänzt und überarbeitet von Guntram Plangg (Romanica Aenipontana, III)*, Innsbruck, Institut für Romanische Philologie der Leopold-Franzes-Universität.
- PROPP, V.JA. [1928-1969], *Morfologia della fiaba*, Torino, Einaudi (ediç. orig.: *Morfologija skazki*, Leningrad).
- [1946-1972], *Le radici storiche dei racconti di fate*, Turim, Einaudi (ediç. orig.: *Istoričeskie korni volšebnoj skazi*, Leningrad).
- REW = W. MEYER-LÜBKE, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, Carl Winters, 1935².
- RICCARDI, R. [1978], *I ghiacciai e le acque continentali*, Roma, Cremonese.
- ROHLFS, G. [1931], *Brot und Käse' als Wieselname*, «Archiv für das Studium der neuere Sprachen» 160, pp. 243-247.
- SIMONELLI, M.G. [2007], *Vangiones e Lingones*, «Bollettino della Società Storica Valtellinese» 60, pp. 9-26.
- SIMS-WILLIAMS, P. [2006], *Ancient Celtic Place-Names in Europe and Asia Minor*, Oxford, Blackwell.
- SPIESS, F. [1976], *I nomi dell'arcobaleno e le aree lessicali nella Svizzera italiana*, in *Aree lessicali. Atti del X Convegno per gli studi dialettali italiani (Firenze, 22-26 ottobre 1973)*, Pisa, Pacini, pp. 273-276.

ÍNDICE

A Pré-história dos nomes do arco-íris – M. Alinei	3
A Pré-história dos nomes dos animais: a joaninha e a doninha – M. Alinei	15
Alguns nomes totémicos da paisagem – F. Benozzo	25

